

## Testemunho de Margarida Ferreira

### Cuidar a família, cuidar o futuro: A face de Deus

Sou visitadora de cadeias há cerca de 8 anos.

Embora pertencendo a uma Associação que visita vários estabelecimentos prisionais, sempre fui a Santa Cruz do Bispo – Mulheres. Aos Sábados, quando a vida o permite, partilho durante 2 a 3 horas das “alegrias e das angústias” de pessoas com rosto e com nome.

Neste estabelecimento prisional estão mais de 300 reclusas, entre portuguesas e cidadãs de outros países, dentro e fora da União Europeia. São filhas, mães, avós... casadas, divorciadas, viúvas... em comum a noção de que com elas, trazem para aquele espaço contido muito mais do que as suas vidas... e tantas vezes, as suas famílias ou a falta delas.

Cada visita, é um salto no escuro... nunca sabemos o que nos espera e quase sempre trazemos muito mais do que julgamos um dia encontrar. Percorrer as Alas onde se dividem as celas, é fazer uma viagem a um território muito fora da nossa Zona de Conforto, que nos confronta com os nossos limites de compreensão e imaginação e nos obriga a crescer em humanidade e em conhecimento...

Tentei... fiz, desfiz, refiz, um texto sobre as famílias das reclusas com que me fui cruzando ao longo destes ainda poucos anos de voluntariado.... e não fui capaz de elaborar um texto que agarrasse devidamente os muitos dramas familiares com que diariamente se confrontam... não me sinto mandatada para falar por elas e bloqueei. Decidi mudar a agulha e falar da forma como o conhecimento dessas situações me mudaram e mudaram a minha forma de ver o mundo em geral e a importância da família em particular, no desenvolvimento de cada ser humano. E a coisa começou a fluir...

Algumas destas senhoras estavam grávidas quando foram presas, outras não têm onde deixar os seus filhos mais pequenos, e acabam por os trazer com elas para este espaço. Sei por experiência, que apenas o fazem por falta de opções em que acreditem ou possam confiar... Em Santa Cruz do Bispo há crianças de meses e algumas mantêm-se por lá até aos 5 anos, idade em que obrigatoriamente têm que sair, se não para uma família de acolhimento, para uma instituição, até que a mãe acabe de cumprir a pena a que foi condenada. A primeira vez que entrei na Ala 1 de Santa Cruz do Bispo – a Ala das Mães, como é conhecida, e vi as crianças a correr pela área comum e a brincar nos espaços preparados no pátio exterior sob o olhar atento das mães e guardas prisionais, lembro-me de ter pensado na celebre frase de Alejandro Jodorowski :“ pássaros criados em gaiolas pensam que voar é uma doença”.... Percebe-se que é um mal menor, e que todos tentam trabalhar da melhor forma para que o trauma seja reduzido, com espaços próprios, creche, educadoras... mas aquelas celas, aqueles muros, aquele espaço sem mar, sem horizontes, tão limitado e limitador, devolve-me a essa frase, cada vez que o visito...

Esta realidade tem por detrás uma outra: a falta de uma família que possa ser suporte e esperança enquanto na vida espiam os erros cometidos contra a sociedade.

A importância da família ganha uma dimensão outra quando chegamos a situações-limite, como é o caso destas senhoras e jovens. Já fui buscar à Costa Nova um pai e três filhos para poderem vir ver o bebé que tinha nascido há algumas semanas, mas que ainda não tinham visto por falta de condições financeiras para realizarem a viagem; já fui a Coimbra buscar as filhas que, distribuídas por várias instituições, a mãe não via há mais de 8 anos... já

escrevi cartas de amor a senhoras que, por não saberem ler nem escrever, estavam impossibilitadas de partilhar a vida com quem amam; já li muitas cartas, uma, duas e dez vezes, pois nunca se cansam de ouvir o que o papel mágico diz, ainda que já saibam a letra de cor... Entrar assim na vida destas pessoas, descobrir as suas vidas pelo lado de dentro, é uma aprendizagem que nos transforma e nos enriquece. Percebemos que tantas e tantas vezes, não é apenas aquela pessoa que está presa... toda a sua família, quando existe, está lá com ela... vive o estigma social que traz consigo a condenação de um dos seus membros. Lembro-me do agradecimento no olhar de algumas destas nossas amigas, quando conseguimos que a família, que por vergonha ou desentendimento, as não visitava, voltassem a ir vê-las e a ser companhia nesta etapa das suas vidas. E percebemos a serenidade e o conforto que a certeza de que são amadas e esperadas lhes dá... e a força para se manterem firmes no propósito de passar estes meses ou anos de uma forma digna e aproveitarem este tempo para se valorizarem.

“ Na cadeia, tempo livre é tempo do Diabo!”, disse-me um dia uma senhora, depois de algum tempo de conversa sobre a vida. Com um número reduzido de telefonemas por semana, que apenas podem ser feitos para números previamente autorizados, num horário específico e através de um telefone na Ala onde se encontram, o contacto com a família é, efectivamente, muito limitado... e se a tentativa falha, só poderão tentar de novo, depois de voltarem para a fila, provavelmente no dia seguinte. Com estas limitações, muitas ocasiões há em que os telefonemas terminam com lágrimas porque não se conseguiu falar de tudo o que se pretendia, porque o filho não estava ou não o chamaram a tempo, ou só porque as notícias não eram as melhores e não houve tempo para aprofundar... E fica a cabeça a teimar naquilo toda a noite, toda a semana, todo o mês, até ter oportunidade de voltar a conseguir um contacto...

Relatos de mães que passam meses sem nada saber dos filhos, anos sem os ver, é muito comum na cadeia. O verbo esperar ganha outros tempos, quando se está preso.... E o tempo ganha uma outra dimensão, e passa a ter em cima o peso da impotência e tantas vezes do desespero. Numa combinação perigosa que todos os que vivem ou trabalham num estabelecimento prisional conhecem muito bem.

Estou convencida que o uso de antidepressivos nestes ambientes é muito elevado, como forma de controlar uma comunidade tantas vezes vazia de esperança e de futuro.... Mas é muito interessante perceber as formas que encontram de criar grupos que funcionam como famílias, onde se confortam e protegem mutuamente.... A necessidade de afecto e de carinho acompanha-nos para onde quer que vamos, e nestes ambientes fechados, esta carência gera aproximações amorosas e dependências que num ambiente externo não sobreviveriam uma hora sequer... mas aqui, o terreno é propício a estes encontros e a estas partilhas..... Tudo é melhor que o desamor e o peso insustentável da solidão.

Mas lindo, lindo de ver, é a forma cuidada e demorada com que se preparam para as visitas da família! Só de as ver na área comum das Alas, percebemos quais vão ter visitas e quais não esperam nada nem ninguém... e percebemos a importância que têm estes encontros nos parlatórios do estabelecimento para a auto-estima de cada uma delas: é a reserva de oxigénio que lhes purifica o ar que respiram e lhes injecta energia para mais uma semana, um mês de vida adiada. Aproveitam estas oportunidades para se vestirem de mães, avós, mulheres e recuperam a dignidade que tantas vezes julgaram perdida... e dão conselhos, fazem perguntas sobre a escola, sobre os namorados, voltando a ter o controlo das suas vidas, ainda que por breves instantes....

Depois vêm as precárias, saídas de curta ou média duração, de que a partir de meio da pena (às vezes até antes), podem começar a usufruir.... As que têm casa e família têm muitas mais probabilidades de ter estas visitas do decurso das suas penas, uma vez que é

fundamental que os técnicos especializados que visitam estes espaços os considerem adequados para que estas medidas possam ter lugar.... E muitas não têm famílias, e por conseguinte não têm acesso a esta possibilidade de reiniciar, paulatinamente, a sua reinserção na sociedade, de forma a poderem estar minimamente preparadas para voltar como cidadãs aptas a cumprir com as suas responsabilidades sociais.

De certeza de que os vários institutos criados para o efeito, tudo têm feito, através dos seus técnicos e educadores, para que todas estas pessoas, que num determinado momento das suas vidas foram condenadas e cumprem penas impostas pela sociedade, possam ser reinseridas da melhor forma, quando as suas penas terminarem, mas os números são infelizmente frios e pouco animadores: cerca de 50% da população reclusa é reincidente, o que diz muito das fragilidades do nosso sistema, quanto à sua capacidade de, efectivamente, recuperar estas pessoas para a nossa sociedade.

E é aqui, que me parece que a sociedade em geral poderá ter um papel bem mais activo, através das instituições sociais e religiosas existentes, ou mesmo a criar, de forma a encontrar formas novas e inovadoras de “humanizar” todo o sistema. Diz-me a experiência que uma realidade que pudesse passar por maior proximidade da sociedade com a comunidade prisional, através da criação de grupos de apoio, que pudessem “apadrinhar” e acompanhar casos específicos, funcionando como “famílias de acolhimento” para casos que os educadores pudessem identificar, poderia ser uma forma de abrir novas portas e horizontes para tantos jovens/ mulheres/ homens que se encontram num momento particularmente difícil das suas vidas.

Sei, por experiência própria, que muitos aqui chegaram por falta de opções de vida, de famílias funcionais e de oportunidades. Senti, várias vezes, depois de conversas demoradas, a verdade de uma frase que um dia uma outra visitadora me disse, ainda emocionada com a experiência de vida partilhada nessa manhã: “Ai Margarida, há aqui tanta gente tão melhor que eu!” Estou convencida que está nas mãos de cada um de nós, também, a possibilidade de insuflar esperança e dignidade nas vidas de tantos e tantas...e se temos essa possibilidade, temos também a responsabilidade de o fazer, até porque fazemos parte de um Povo a Caminho, a quem foi dito:

“ Vinde, benditos de meu Pai, possuir por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do Mundo; porque tive fome e deste-me de comer; tive sede e deste-me de beber; era estrangeiro e hospedaste-me; estava nu e vestiste-me; adoeci, e visitaste-me; estive na prisão e foste visitar-me. E então os justos lhes responderão: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão e te fomos ver? E, respondendo, o Rei lhes dirá: Em verdade vos digo, quando o fizerdes a um destes meus pequeninos irmãos, é a mim que o fazeis.” (Mateus, 25:35-40)

*Margarida Ferreira*